

**A utilização do esporte e da imprensa
para estabelecer e consolidar
narrativas da cultura local:
o caso do estado brasileiro de Santa Catarina**

*Matheus Simões Mello **

INTRODUÇÃO.

É notório que o futebol, uma das principais modalidades esportivas do nosso tempo, nutre fortes laços com diversas instâncias da sociedade, que vão desde a interação com nosso vocabulário cotidiano quanto as mais complexas contendas políticas, sociais e econômicas. Isto pode ser verificado não só nas ligas mais globalizadas e de maior audiência, mas também em contextos sem o mesmo fluxo de capital e atenção midiática. É nesse segundo caso que se encaixa o estado brasileiro de Santa Catarina. Longe de gozar do mesmo prestígio futebolístico que outras unidades federativas, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, Santa Catarina possui pelo menos cinco equipes de médio porte e que acumulam largos períodos na Série B (segunda divisão nacional), e vez ou outra disputam edições da Série A (instância máxima do futebol brasileiro). Portanto, é de se imaginar que o referido estado não atraia os olhares dos principais veículos de comunicação, tampouco dota de recursos para adquirir futebolistas renomados (a não ser que estejam muito perto da aposentadoria) e construir grandes arenas multiuso.

O modesto desempenho catarinense em certames nacionais, no entanto, não nos impede de enxergar o futebol local como atrativo para investigações de cunho acadêmico. Pelo contrário: por uma série de razões, Santa Catarina

* Doctor en Periodismo por la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

oferece um fértil material a ser analisado. Diferentemente das demais unidades federativas, o estado catarinense não possui uma grande metrópole. Ao invés, têm-se seis o sete microrregiões pujantes política e economicamente. Cada uma delas com suas particularidades culturais e com distintas fontes de arrecadação. Cada uma delas com relativa igualdade na busca por protagonismo político.

A vista do que foi exposto acima, este texto visa contribuir para a compreensão das relações entre a cultura local catarinense, o futebol e a respectiva cobertura da imprensa estadual, atentando nossos olhares às narrativas de rivalidade construídas por tais meios. O presente contributo é um fragmento da tese doutoral do autor, que está estruturado em moldes similares aos que serão aqui apresentados, à diferença de que neste espaço dedicar-nos-emos a apenas duas das quatro cidades abarcadas pelo corpus da tese: Joinville e Florianópolis¹. Optamos por tal enfoque por três motivos: a) tratam-se dos municípios de maior protagonismo nas mais variadas instâncias, sendo o primeiro o mais populoso e o segundo a capital do estado; b) como nossas pesquisas vêm apontando, cultivam a maior rivalidade estadual, tanto dentro das quatro linhas quanto fora destas; c) por sediar três dos cinco ‘grandes’ clubes catarinenses: Joinville EC, de Joinville, e Avaí FC e Figueirense FC, de Florianópolis.

Partimos da hipótese de que a imprensa das respectivas cidades utiliza de estereótipos/elementos da cultura local não só para construir narrativas de torcedores e habitantes conterrâneos, mas também no estabelecimento do rival como uma alteridade, ou seja, como indivíduos distintos do seu contexto local. Para os fins deste texto, debruçamo-nos sobre exemplares de *A Notícia* (Joinville) e *Diário Catarinense* (Florianópolis), publicados entre 2009 e 2018. As análises são desenvolvidas sob os preceitos da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), que tem inspiração na Teoria Literária e busca compreender as reais intenções narrativas e argumentativas do emissor.

Este texto está dividido em três partes. Primeiro, foca-se no caráter emotivo dos esportes e da respectiva cobertura jornalística. A seguir, discutem-se brevemente algumas implicações sociais e geopolíticas do futebol. Por fim, pontuam-se alguns pormenores contextuais de Joinville e Florianópolis e são apresentados alguns dados provenientes do desenvolvimento analítico desta pesquisa.

¹ As outras duas cidades são Criciúma, localizada no Sul do estado, e Chapecó, situada à Oeste.

EMOÇÕES, JORNALISMO E JORNALISTAS ESPORTIVOS: CONTEXTOS NACIONAL E LOCAL.

Em comparação com outras seções jornalísticas, o jornalismo esportivo carece –cada vez menos, com o crescente interesse de pesquisadores sobre o tema– de maior profundidade reflexiva em âmbito acadêmico. Podemos, contudo, delinear algumas linhas limítrofes desse campo. Trata-se de um segmento repleto de especificidades, sendo muitas delas confrontantes com a visão generalista do labor jornalístico. Permite-se, por exemplo, certa jocosidade, desprendimento de estruturas textuais mais rígidas e vocabulário um pouco mais inclinado ao coloquial. Na comunicação direta com a audiência, sobretudo em veículos audiovisuais, o esporte serviu de incubadora para a adoção de atitudes *soft* em meio aos noticiários *hard news*, como a busca por uma postura menos engessada dos âncoras. cremos que, de certa forma, é possível entender a seção de esportes como um ambiente de vanguarda dentro do Jornalismo.

A possibilidade do desprender jornalístico esportivo de certas amarras generalistas, aliadas à potência subjetiva do indivíduo (Genro Filho, 2012), à inexistência de um jornalismo genuinamente objetivo e neutro (Ponte, 2005: 107) e ao natural despertar de emoções nos espectadores de eventos esportivos (Helal & Lovisolo, 2009), arquitetam um dos grandes dilemas desse segmento: as fronteiras ético-deontológicas da relação do jornalista esportivo com a emoção.

De fato, a utilização de elementos emotivos na produção de textos jornalísticos esportivos é desejável. Não retratar uma partida emocionante como tal, aliás, beiraria o descompromisso com o leitor, que perderia parte importante do que ocorrera. Em paralelo, confrontos com menor grau de intensidade e sem muitos lances de perigo aos goleiros não serão atrativos à audiência se nenhuma nuance emotiva for realçada, sem, obviamente, comprometer a veracidade do relato. Os limites do bom senso emotivo pendulam entre a manifestação desenfreada de uma “emoção acrítica” (Monzón, 2015) e a omissão da dimensão emotiva do esporte. Reitera-se, a vista disso, que há um amplo espectro a ser explorado entre tais extremos.

Um aspecto que pode auxiliar no entendimento desse complexo enlace é centrar nossos esforços na discussão do epicentro emotivo do próprio jornalista. Isso porque, além do natural despertar emotivo que práticas esportivas despertam em protagonistas e espectadores, é dedutível que essas mesmas emoções perpassem pelos profissionais de imprensa. Grosso modo, a adoção de certo resguardo perante a esse bombardeio emotivo foi designado como imparcialidade. No Brasil, por exemplo, o ato de ser imparcial é exaltado

repetidas vezes em manuais jornalísticos esportivos de caráter prático (Barbeiro & Rangel, 2006). Em âmbito acadêmico, teóricos também veem a imparcialidade como algo a ser perseguido, ainda que sejam mais céticos com a sua total exequibilidade (Vegas, 2014: 33). Partilhamos da opinião de Kovach e Rosenstiel (2004), que preferem enxergar a imparcialidade como um movimento relacionado ao rigor da apuração, investigação e construção de produtos jornalísticos verazes equânimes, visão condizente ao jornalismo de modo geral, mas que se adequa aos nossos fins.

Levando em conta tal raciocínio, é possível assinalar, por um lado, que o jornalista esportivo necessita frear seus impulsos emotivos e inclui-los consciente e criticamente no que produz. Por outro lado, eventuais excessos cometidos não podem ser categoricamente rotulados como demonstrações de mau desempenho da função. Em outras palavras, optar por materiais com maior ou menor grau de emotividade, salvo extremismos, é uma questão de estilo ou estratégia; por sua vez, erros de apuração ou transgressão de limites ético-deontológicos podem ser cometidos em coberturas emotivamente coesas – vide o uso de uma voz pretensamente neutra para ludibriar a audiência (Kovach & Rosenstiel, 2004).

Como consequência dessa preocupação enfática da imparcialidade em redações de veículos tradicionais, acompanha-se a proliferação de canais alternativos que visam apresentar um modelo de jornalismo esportivo torcedor (de aficionado para aficionado). Patrocinados ou não pelas agremiações, tais iniciativas (teoricamente) desenvolvem o mesmo trabalho que jornalistas imparciais, à diferença de aclararem as preferências clubísticas de seus profissionais (ou do veículo) e não terem restrições emotivas em transmissões ao vivo, seja de partidas ou de mesas de debate. O crescente consumo de produtos jornalísticos com grande ênfase nas emoções se vale tanto da empatia e da confiabilidade geradas, principalmente em aficionados altamente identificados com as respectivas agremiações (Sadri, 2014) quanto pelo fato de serem contrapontos à imprensa hegemônica (McCarthy, 2014).

Além da relação emotiva entre jornalista e clube, também há o despertar emotivo por razões geográficas. Na imprensa brasileira, por exemplo, o fenômeno fora classificado (e denunciado) como ‘bairrismo’ já na primeira metade do Século XX, quando paulistanos e cariocas brigavam pelo controle político do futebol nacional. Ademais, o envolvimento com a Seleção Brasileira era quase uma obrigação cívica, sobretudo nos textos do notório cronista esportivo Nelson Rodrigues. Em pesquisas anteriores, pudemos averiguar que o caráter territorial é fator primordial não só na escolha das pautas, mas também na contextualização dos temas abordados (Mello, 2015).

Gómez Bueno (2012) nos fornece um relevante contributo acerca do envolvimento emotivo do jornalista de esportes com determinada localidade (sendo esta um país, estado, região...). O autor aponta que demonstrações de bairrismo na imprensa espanhola são tão corriqueiras quanto as denúncias de tal comportamento. Tendo em mente tal panorama, relaciona-o a fatores ideológicos, salientando a ânsia dos diários em fragilizar a equipe rival para beneficiar a agremiação local. Outro aspecto de ordem política identificado por Gómez Bueno (2012: 319) concerne à propagação de questões bairristas com o objetivo de contemplar demandas políticas, apontamento pertinente tanto ao contexto espanhol quanto, acreditamos, às demandas do presente texto. Implicações mercadológicas também estão atreladas às ideológicas, visto que reforçar o sentimento de pertencimento local pode atrair maior atenção de receptores conterrâneos. Assim, Gómez Bueno defende que demonstrações de parcialidade regional (bairrismo), aliadas às manipulações de informação e opinião motivadas justamente pelo viés local, podem desencadear episódios violentos em âmbito esportivo, afetando diretamente a sociedade (Gómez Bueno, 2012: 151).

Antes de retomarmos a discussão sob a perspectiva local, é preciso pontuar que o aumento do poderio financeiro de clubes, ligas e (com)federações, bem como a maior visibilidade midiática alcançada pelo futebol, parece ter aumentado os contornos épicos da modalidade, sobretudo na cobertura dos meios de comunicação e no seu respectivo tratamento às agremiações de maior apelo. English (2015) dá certa sustentação a tal argumento ao assinalar que o capital financeiro é o mais influente nas organizações jornalísticas – ainda que, nas redações, o capital jornalístico prevaleça. E, especificamente nas grandes ligas, o alto montante destinado às cotas de TV repassadas aos clubes precisa ser readquirido de alguma maneira. Por um lado, isto contribui para uma exploração exaustiva de certames pelos quais a emissora destinou recursos para assegurar a transmissão exclusiva (Gallardo Parrón & Montes Vozmediano, 2015). Por outro, demais meios que não possuem o direito de transmitir –ou de frequentar zonas privilegiadas do campo de jogo– tendem a usar estratégias sensacionalistas para atrair receptores (Gómez Bueno, 2012). Essa opção seria escolhida por ser mais barata para as empresas jornalísticas do que investir num maior número de profissionais e, com isto, aumentar o poder de apuração e investigação das coberturas (Kovach & Rosenstiel, 2004).

Além de interferir na parte da imprensa que não detém os direitos de transmissão dos campeonatos de destaque, tal dinâmica também pode ser encontrada –guardadas as devidas proporções– em esferas futebolísticas de

menor capacidade de investimento e de mobilização das massas torcedoras. Como já fora mencionado, o futebol de Santa Catarina, e tantos outros estados/localidades de similar ou menor porte, dota de expressivos êxitos em torneios regionais e, por sua vez, são retratados pela imprensa local, que dá amplo destaque aos clubes mais populares da respectiva região. Nesse sentido, as mesmas práticas sensacionalistas podem ser encontradas em tais publicações.

A imprensa local/regional ganha ainda mais força se pensarmos nas perspectivas não contempladas por veículos *mainstream* de abrangência nacional. Mills e Daniels (2009), atentando para o mercado estadunidense, assinalam o crescimento da imprensa esportiva local e denunciam a ineficiência da mídia nacional em adaptar seus conteúdos às realidades de cada região que compõem seu alcance. Isto vai ao encontro de Monzón (2015: 179), que sublinha a importância das implicações e peculiaridades locais na produção jornalística esportiva. Então, se levarmos em conta a já mencionada ênfase nas questões emotivas, bem como a incessante busca por amplo espaço às ligas com direitos de transmissão adquiridos e suas equipes mais populares, tem-se a lacuna para a imprensa local não só se dedicar às pautas conterrâneas, mas também às especificidades emotivas, culturais e políticas de sua região.

Os meios locais aproveitam tais vazios para se consolidarem em meio a seus conterrâneos. Tais condições proporcionam a possibilidade de estes exercerem a função de porta-voz da comunidade, dando espaço a reivindicações e estipulando heróis e vilões locais (Kovach & Rosenstiel, 2004: 31). Por um lado, desempenham função de suma importância para a sociedade local. Por outro, podem privilegiar interesses de setores ou agentes específicos, além de explicitar alguns grupos e relegar outros, condutas que iriam de encontro ao decoro jornalístico (Barkin, 1987: 81).

É debruçado sobre as questões jornalísticas através de um viés local que Barkin (1987) compreende que, além da veiculação de demandas, a imprensa local pode induzi-las sem a devida reflexão crítica e de forma extremamente entusiasmada, o que o autor entende como “boosterism” (Barkin, 1987). Exclusivamente focados na seção jornalística de esportes, há investigações de fôlego que identificam o *boosterism* em pautas que necessitam do apoio da sociedade conterrânea, tais como o uso de recursos públicos para financiar estádios privados (Delaney & Eckstein, 2008) e atrair franquias esportivas (Anderson, 2000). Mesmo não abordando o *boosterism*, Gómez Bueno (2012: 205) é de grande ajuda ao relatar a enorme pressão política sofrida pela imprensa, exercida por dirigentes de clubes, em contextos locais. Kim e Lowrey (2018) também encontram demonstrações de *boosterism* ao comparar a cobertura regional e nacional de um caso de agressão dum atleta à sua esposa.

Os autores constataram que a mídia nacional foi nitidamente mais crítica do que a regional e, a vista disso, expressaram: “Razões internas e externas dificultam que jornalistas locais dissociem sua torcida pela comunidade e pelas instituições (esportivas) de atuarem como cães-de-guarda da sociedade”² (Kim & Lowrey, 2018: 136).

Além de tais situações, entendemos que o *boosterism* também pode ser verificado em contextos nos quais há uma predominância muito evidente de torcedores de um ou mais clubes locais na audiência de determinado veículo. Isto resulta na atenção demasiada por parte da imprensa local ao(s) clube(s) conterrâneo(s), possibilitando que jornalistas esportivos manifestem abertamente sua paixão por este(s). Aliás, a não renovação constante dos votos de afeto para com a agremiação local, bem como a recorrente exposição de críticas em meio aos produtos podem vir a gerar a revolta dos aficionados. Tendo em vista a compreensão positiva por parte de receptores torcedores em casos de manifestação apaixonada de jornalistas pelo time conterrâneo, podemos classificar tal fenômeno como ‘parcialidade consentida’, um dos conceitos centrais da investigação doutoral deste autor.

IDENTIDADES, GEOPOLÍTICA, FUTEBOL E IMPRENSA: ENLACES FÉRTEIS PARA PROLIFERAÇÃO DE NARRATIVAS JORNALÍSTICAS.

O prognóstico supracitado confere ao jornalismo esportivo a possibilidade desse segmento incluir traços referentes a identidades, culturas e sistemáticas geopolíticas que talvez não estejam tão escancarados quanto noutras seções. Isto porque, além dos motivos mencionados no item anterior, o esporte fornece um retrato muito claro da realidade social (Helal, 1990: 14) e pode carregar consigo ideologias, filosofias e tensões políticas (Giulianotti, 2002).

Do ponto de vista geopolítico, o futebol foi (e é) assiduamente utilizado em prol de determinados fins, independentemente de motivações e autores. A relação entre geopolítica e futebol é tão sólida que existem até pensadores que defendam a existência de uma “geopolítica do futebol” (Boniface, 1987: 98). O futebol, ainda de acordo com Boniface (1987), seria um elemento crucial na diplomacia, além de servir como um importante pilar de sustentação para

² Tradução minha. Trecho original: “Internal and external reasons make it difficult to local journalists to decouple their support of community and local (sport) institutions from their role as watchdogs for society”.

estabelecer, reforçar ou projetar Estados-Nação – ou, acrescentamos, qualquer grupo social com fortes laços territoriais e identitários. O quadro de membros da Fifa, por exemplo, simultaneamente nos mostra que localidades não incorporadas a Organização das Nações Unidas buscam seu reconhecimento internacional através do futebol, enquanto outras têm dificuldades de se filiarem à entidade devido a pressões de países já incorporados.

As dinâmicas geopolíticas do futebol, bem como sua inserção num contexto geral, estão presentes nas mais variadas escalas. Giulianotti (2002) argumenta que estamos vivendo a pós-modernidade do futebol, época na qual as principais ligas podem ser assistidas e consumidas nas mais variadas partes do mundo, o que contribui para o crescente enriquecimento destas e o enfraquecimento de campeonatos nacionais com menor poderio econômico e torneios locais. Diante desse contexto, o autor estabelece algumas consequências, dentre elas: a) a crescente polarização entre agremiações locais e escudos de abrangência nacional, sendo estes últimos cada vez mais fortes economicamente e aglutinadores de torcedores-consumidores; b) desestabilização dos vínculos locais frente a aspectos globais (Giulianotti, 2002: 55-56). A partir disto, pondera-se que não se tratam de vias excludentes. Antezama (2003) argumenta que um indivíduo pode abrigar mais de uma identidade futebolística, como, por exemplo, a clássica distinção entre clube pelo qual se torce e selecionado nacional.

Atentando nossos olhares à realidade de Santa Catarina, pode-se assinalar que: a) aficionados de Avaí e Figueirense, em Florianópolis, assumem suas perspectivas torcedoras em momentos de dérbi citadino; b) florianopolitanos se compreendem como tal nos embates estaduais (como contra o Joinville EC); florianopolitanos e joinvilenses podem vincular-se a equipes de abrangência nacional ou internacional, pondo momentaneamente traços identitários locais em segundo plano. Por fim, se levarmos em conta o recente aumento do número de catarinenses que torce por clubes do seu próprio estado³, entendemos que a atenção às construções narrativas da imprensa catarinense nos fornece um farto espectro analítico.

³ Afirmação baseada na seguinte pesquisa: <http://cacellain.com.br/blog/?p=19991>. Acessado em 7 de jan, de 2019.

CONTEXTOS E ANÁLISES SOBRE RIVALIDADES FUTEBOLÍSTICAS E IMPRENSA EM SANTA CATARINA: OS CASOS DE JOINVILLE E FLORIANÓPOLIS.

Giulianotti (2002) expressa a importância das oposições e desigualdades locais para a formação de clubes, sua identidade e o estabelecimento de seus grandes rivais. Sendo assim, duelos clubísticos – o enfoque desta investigação – não podem ser entendidos como um mero embate entre times, mas como um choque de invólucros compostos por fatores de ordem histórica e extensíveis a uma ampla comunidade (Damo, 2009; 2012). Tendo em mente tal compreensão, é possível afirmar que as relações entre Joinville e Florianópolis sempre transitaram, em mão dupla, dentro e fora das instâncias futebolísticas.

Enquanto Florianópolis fora colonizada por portugueses, e mantenha tais raízes tanto em pontos turísticos quanto no sotaque de seus habitantes, Joinville registrara considerável imigração de germânicos (suíços e alemães, nessa ordem) a partir da segunda parte do Século XIX, quando o território finalmente fora convertido num município. De um lado, Florianópolis sempre foi agente político e econômico de peso em Santa Catarina por ser a capital do estado, afora seu potencial turístico e tecnológico. De outro, Joinville tinha ao seu favor um número maior de habitantes e um grande complexo industrial que a transformou numa das cidades mais ricas não só em âmbito estadual, mas também em toda a região Sul do país. Os políticos que as representaram, cada um à sua maneira, lutaram por protagonismo político e pelos seus interesses locais, quadro que segue até os dias de hoje.

Em âmbito futebolístico, não seria diferente. Ambas as cidades consolidaram suas principais forças clubísticas em épocas semelhantes – Caxias e América, de Joinville, nos idos de 1910; Figueirense e Avaí, de Florianópolis, nos anos de 1920. A primeira edição do Campeonato Estadual é disputada em 1924. Nos anos posteriores, os florianopolitanos dominaram o certame: até 1935, venceram nove das onze edições, sendo somente uma vencida por uma equipe joinvilense. A hegemonia da capital nos torneios da então Federação Catarinense de Desportos (FCD, atual FCF) gerou o descontentamento do setor futebolístico de Joinville, que resolveu, em 1935, fundar uma entidade que buscasse regular de maneira mais justa o futebol estadual: a Associação Catarinense de Desportos (ACD). Percebe-se, portanto, a desavença política das duas cidades há, pelo menos, 85 anos.

A partir do final da década de 1940, Florianópolis viveu uma crise que perduraria até o início de 1970 – entre 1945 e 1971, a cidade só conquistou um troféu, com o modesto Paula Ramos, em 1959. Durante essa época, Joinville

acumulou oito taças. Os logros florianopolitanos entre 1972 e 1975 devolveram a hegemonia à capital, mas estes voltaram a viver um jejum graças à série de dez títulos joinvilenses em doze anos (1976, 1978-1985 e 1987), já com o Joinville Esporte Clube, resultado da união dos departamentos de futebol profissional de América e Caxias. Florianópolis só voltaria a ter um clube campeão estadual em 1988, com o Avaí. Durante a década de 1990, a cidade de Criciúma, com equipe homônima, dominou o cenário estadual. Joinville só voltaria a ter algum tipo de protagonismo no biênio 2000-2001, quando o Joinville EC foi bicampeão. De lá para cá, o Jec vive jejum de conquistas estaduais, enquanto Figueirense e Avaí alternam a hegemonia do futebol catarinense.

Durante o recorte temporal do objeto empírico aqui analisado, Avaí, Figueirense e Joinville oscilaram glórias e fracassos, o que possibilitou captar o comportamento dos profissionais de *Diário Catarinense* e *A Notícia* em situações diversas. Em todas elas, é preciso salientar, encontram-se menções à rivalidade entre as equipes das duas cidades e, mais amplamente, entre os municípios. Durante a investigação do corpus, tanto *AN* quanto *DC* se referem à(s) equipe(s) forasteira(s) como “rivais” e protagonistas de clássicos estaduais. Independentemente da fase em que as agremiações venham a estar, os diários enxergam os clubes como grandes forças do futebol de Santa Catarina e dignas do máximo respeito pelo adversário. No caso de Florianópolis, *DC* opta por cobertura mais ampla, reservando espaço para o noticiário das principais equipes do estado. Em competições nacionais, os colunistas de *DC* argumentam que o bom desempenho dos catarinenses é de suma importância para o fortalecimento do futebol do estado.

No que tange a cobertura de *Diário Catarinense* das equipes conterrâneas, é bastante nítido, contudo, que há o estabelecimento do dérbi local como a maior rivalidade de Santa Catarina. A incidência de termos como “clássico” e “rivalidade” aumenta vertiginosamente, se compararmos aos confrontos de Avaí e Figueirense contra o Joinville EC. Em 2012, quando Figueirense e Avaí voltaram a decidir um Campeonato Catarinense após 13 anos, *DC* se referiu ao duelo, por mais de uma vez, como o “maior clássico de Santa Catarina”, tanto em títulos quanto no decorrer dos textos.

Imagem 1

“Sem precedentes: os números do maior clássico de SC” (Gonzaga: 2012: 42).



Roberto Alves, principal colunista esportivo do referido diário, associou o dérbi, durante as edições concernentes à final do Campeonato Catarinense, a termos como “único” e “verdadeiro”, pondo a rivalidade local acima tanto dos clássicos contra o Joinville EC quanto dos demais escudos do estado. Ainda na mesma época, Roberto Alves relaciona a teórica superioridade da dupla de Florianópolis à inveja das demais regiões: “O futebol da Capital volta a comandar o cenário local, como aconteceu no início dos anos de 1970, para a irritação das demais cidades” (Alves, 2012: 10). De modo geral, a cidade de Florianópolis é retratada como um território exclusivamente envolvido com Avaí e Figueirense, e este estaria dividido igualmente entre as duas agremiações. Exclui-se de forma indireta, por conseguinte, que haja aficionados de outros escudos vivendo na localidade. Ainda assim, não foram encontrados vestígios constantes e irrefutáveis do uso de elementos da cultura local na construção de narrativas florianopolitanas, tampouco no estabelecimento de Joinville como uma alteridade.

No caso do tratamento de *DC* para com o Joinville EC e os joinvilenses, como fora dito, teve-se a clara percepção de que a cidade mais populosa de Santa Catarina é encarada como rival. Tais contornos ganham realce em momentos de decisão contra o Jec – que confrontou florianopolitanos em finais de Campeonato Catarinense em 2010, 2014 e 2015 – e momentos de grande fase do time joinvilense (principalmente entre 2011 e 2015, quando o clube ascendeu da terceira divisão nacional para a primeira). Os momentos mais emblemáticos, mais uma vez, estavam nas colunas de Roberto Alves. O jornalista, que costuma aproveitar de sua vivência de momentos históricos do futebol de Santa Catarina para elaborar seus textos, citou frequentemente os áureos tempos de Joinville EC quando este jogava contra times de Florianópolis. Interessante notar, no entanto, que a maioria dessas menções foi associada a possíveis deslizamentos éticos de mandatários do Jec e condutas suspeitas de arbitragem e cartolas da Federação Catarinense de Futebol. O trecho a seguir

elucida tal constatação: “No meio do jogo, Dudu marcou e o árbitro Dalmo Bozzano anulou. Até hoje ele não explicou a razão. Seria o gol de empate. Uma decisão cheia de artimanhas. O JEC tinha um time quase imbatível” (Alves, 2010: 40). Além disso, é preciso pontuar que nenhum traço da cultura joinvilense foi utilizado nas narrativas analisadas.

Quanto à cobertura de *A Notícia*, tal como *Diário Catarinense*, as equipes forasteiras foram designadas como grandes rivais e protagonistas de um clássico estadual. O fluxo de rivalidade variou conforme a fase vivida por Avaí e Figueirense. Ou seja, a equipe no melhor momento foi mais associada à rivalidade do que a outra. Excetuando os confrontos contra o Joinville EC, os times da capital contaram com pouquíssimo espaço nas páginas de *AN*, que adota postura mais local do que *DC*.

Talvez pelo fato de Joinville só contar com uma equipe de expressão no cenário estadual, *A Notícia* teve muito mais liberdade para incentivar o Jec de maneira explícita do que o diário florianopolitano. Usou-se com frequência a conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural (nós) ao se referir ao Joinville EC, prática que inclui os jornalistas como torcedores. Tal postura, aliás, por vezes transcendeu os limites das colunas de opinião e perpassou por relatos de repórteres. O momento mais significativo dessa luta interna entre o jornalista e o alter ego torcedor foi encontrada na edição de 13 de abril de 2014, quando o editor da seção de esportes, Elton Carvalho, foi identificado com uma foto vestindo uma camiseta do Jec numa página e com uma camisa neutra noutra página:

Imagem 2

Elton Carvalho vestindo duas camisetas diferentes na mesma edição
(Carvalho, 2014a: 11; Carvalho, 2014b: 37).



O apoio irrestrito ao Joinville EC por *A Notícia* foi atestado no editorial de 4 de dezembro de 2011, um dia após o título da Série C do Campeonato Brasileiro, assinado pelo editor-chefe da publicação, Domingos Aquino, que escreveu:

Foi no último trimestre de 2009, numa reunião de trabalho com a equipe de esportes, que “AN” tomou uma decisão editorial incomum no jornalismo contemporâneo: assumir um lado, passar a fazer uma cobertura esportiva absolutamente paroquial e torcedora pela redenção do JEC. O Tricolor vivia uma fase difícil. [...] O mérito é do JEC, a taça é do clube, o título é da torcida, a alegria é da cidade. Mas este jornal, que é tão torcedor quanto você, também está festejando (Aquino, 2011: 4).

Finalmente, no que se refere à postura de *AN* para com os florianopolitanos, ressaltamos dois aspectos principais. Em primeiro lugar, identificou-se a reciprocidade na desconfiança para com arbitragem e instâncias diretivas do futebol de Santa Catarina. Por vezes, êxitos da dupla da Capital frente ao Jec foram condicionados a eventuais erros do árbitro ou dos assistentes. Tal comportamento foi percebido tanto nos bons quanto nos maus momentos do Joinville EC durante os dez anos aqui averiguados. Segundo, *A Notícia* representou a figura do florianopolitano, utilizando do estereótipo do ‘manezinho’⁴, nitidamente como uma alteridade do joinvilense. Na cobertura da conquista do título da Série B (segunda divisão nacional) 2014 pelo Joinville EC, *A Notícia* estabeleceu como principal personagem o treinador da equipe, Hemerson Maria. Como Maria é natural de Florianópolis, o diário enalteceu o fato de um florianopolitano ter relegado suas origens para se adaptar e virar ídolo da cidade rival, como indica o título do texto: “O manezinho que devolveu o JEC à elite” (*A Notícia*, 2014: 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Buscamos, ao longo deste contributo, investigar as narrativas de rivalidade na cobertura esportiva de Joinville e Florianópolis, dois dos municípios mais pujantes do estado brasileiro de Santa Catarina, e que colecionam contendas dentro e fora das instâncias futebolísticas. Dedicamos o fôlego teórico para compreendermos a potencialidade emotiva do jornalismo esportivo, bem como a representatividade do futebol nos contextos cultural e

⁴ Em suma, entende-se como ‘manezinho’ o habitante da parte ilhéu de Florianópolis e que dota de um sotaque carregado e com forte influência açoriana, principal grupo colonizador da cidade.

geopolítico, fatores que auxiliam no desenvolvimento de pesquisas dessa natureza.

Por se tratar de uma fragmentação de um estudo ainda em andamento, faz-se importante ponderar que não há respaldo suficiente para conclusões taxativas acerca do que fora aqui exposto. Isto não nos inibe, entretanto, de apresentar alguns caminhos possíveis: a) parece-nos plausível assinalar que *Diário Catarinense*, em momentos de cobertura do dérbi local, eleva tal rivalidade a um patamar superior perante as demais contendidas estaduais; b) bons momentos dos clubes conterrâneos, em ambas as cidades, provocam euforia nos profissionais dos respectivos diários; c) há uma desconfiança consensual acerca de arbitragem e corpo diretivo da Federação Catarinense de Futebol em momentos de êxito do rival; d) o fato de Joinville ter somente um clube de expressão possibilita a *A Notícia* ‘vestir a camiseta’ do clube conterrâneo e divulgar essa atitude como algo positivo, como se os receptores a desejassem.

Com relação à hipótese principal de nossa investigação, tendemos a crer que, de certa forma, ela está equivocada, já que poucos foram os momentos nos quais elementos da cultura local de Joinville e Florianópolis foram inseridos nas narrativas construídas. Em contrapartida, nossa suposição ganha contornos factíveis ao atestarmos que as rivalidades e as tensões entre os dois municípios, sobretudo na percepção da ação do rival em bastidores, seja na coerção de árbitros, assistentes ou mandatários do futebol local, é um comportamento recorrente no transcorrer dos dez anos aqui verificados.

REFERÊNCIAS.

Alves, R. (2010, abril 26). As decisões que vivi. *Diário Catarinense*, p. 40.

Alves, R. (2012, abril 30). A força da Capital. *Diário Catarinense*, p. 10.

Anderson, W. B.. (2000). Sports page boosterism: Atlanta and its newspapers accomplish the unprecedented, *American Journalism*, 17(3), 89-107.

A Notícia (2014, dezembro 1). O manezinho que devolveu o JEC à elite, *A Notícia*, p. 24.

Antezama, L. H. J. (2003). Fútbol: espectáculo e identidad. In P. Alabarces (Org.). *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina* (pp. 85-98). Buenos Aires: Clacso.

Aquino, D. (2011, dezembro 4). Um jornal ao lado do JEC. *A Notícia*, p. 4.

Barbeiro, H. & Rangel, P. (2006). *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.

Barkin, S. M. (1987). Local news television, *Critical Studies in Mass Communication*, 4(1), 79-82.

Boniface, P. (1987). Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics, *International Spectator: Italian Journal of International Affairs*, 33(4), 87-98.

Carvalho, E. (2014, abril 13). Toque de Letra. *A Notícia*, p. 37.

Carvalho, E. (2014, abril 13). Domingo de transpiração. *A Notícia*, p. 11.

Damo, A. S. (2009). O simbólico e o econômico no futebol espetáculo: as estratégias da Fifa para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica, *Razón y Palabra*, 3(9), 1-35.

Damo, A. S. (2012). Paixão partilhada e participativa: o caso do futebol, *História: Questões & Debates*, 57(1), 45-72.

Delaney, K. & Eckstein, R. (2008). Local media coverage of sports stadium initiatives, *Journal of Sports & Social Issues*, 32(1), 72-93.

English, P. (2015). Mapping the sports journalism field: Bourdieu and broadsheet newsrooms. *Journalism*, 7(8), 1-17.

Genro Filho, A. (2012). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo*. Florianópolis: Insular.

Gallardo Parrón, R. & Montes Vozmediano, M. (2015). La repercusión en los informativos: el caso de Antena 3, La 1 y Telecinco. *Fonseca, Journal of Communication*, 10(1), 9-28.

Giulianotti, R. (2002). *Sociologia do futebol: discussões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

Gómez Bueno, J. (2012). *Ética, responsabilidade y observación de los códigos deontológicos en el periodismo deportivo* (Tese de Doutorado). Universidad de Murcia, Murcia, Espanha.

Gonzaga, L. (2012, maio 12). Sem precedentes: os números do maior clássico de SC. *Diário Catarinense*, p. 42.

Helal, R. G. (1990). *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense.

Helal, R. G; & Lovisolo, H. R. (2009). Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. *Revista Brasileira de Futebol*, 2(2), 20-26.

Kim, E. & Lowrey, W. (2018). Does local news side with local organizations? A case study of boosterism and dependence of local and national sources. *International Journal of Sport Communication*, 11(1), 123-140.

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial.

McCarthy, B. (2014). An investigation into the motivations, behaviours and media attitudes of Fan Sports Bloggers. *Communication & Sport*, 2(1), 65-79.

Mello, M. S. (2015). *Hermanos y cercanos, pero no mucho: estudo comparativo entre os diários Lance! e Olé durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Mills, J. M. & Daniels, G. L. (2009). SportsCentral as winner or loser? Centralcasting as strategy for efficient local sportscast production. *International Journal of Sport Communication*, 2(3), 271-292.

Monzón, D. (2015). *Periodismo mágico: propuesta de descripción de los recursos compositivos y estilísticos de la crónica deportiva escrita desde la perspectiva de los estudios literarios aplicados al realismo mágico* (Tese de Doutorado). Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, Espanha.

Motta, L. G. F. (2013). *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora da UnB.

Ponte, C. (2005). *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular.

Sadri, S. R. (2014). The role of fan identification in the perceived credibility of sports articles. *International Journal of Sport Communication*, 7(2), 214-233.

Vegas, X. R. (2014). *Sports journalism ethics and quality of information: the coverage of the London 2012 Olympics in the British, American and Spanish press* (Tese de Doutorado). Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

(Ir al inicio del Capítulo)



(Ir al Índice)

